

‘Não’ inglês pode afetar relações

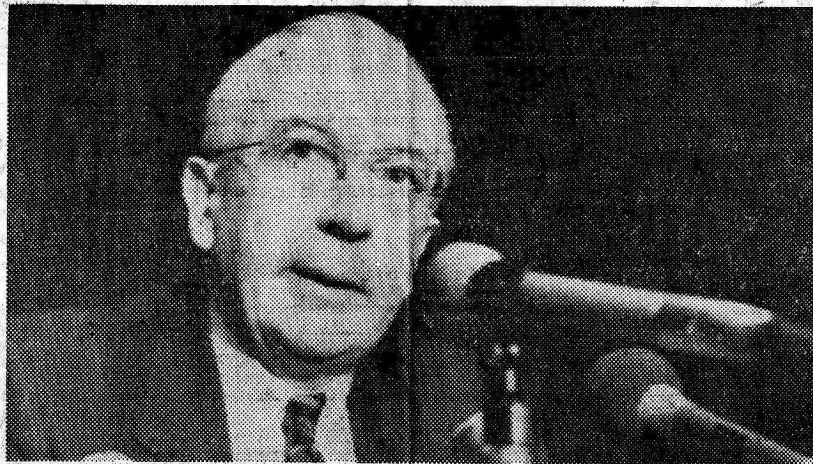
Da sucursal de
BRASILIA

A posição do Tesouro inglês de não participar do empréstimo de US\$ 2,5 bilhões ao Brasil relativo a créditos comerciais sob responsabilidade dos governos ocidentais credores do País, o qual será imprescindível para levar os credores privados a desembolsarem o empréstimo de US\$ 3 bilhões correspondente à primeira parcela dos US\$ 6,5 bilhões destinada a fechar as contas externas brasileiras neste e no próximo ano, poderá prejudicar as relações econômico-financeiras entre o Brasil e a Inglaterra.

Esta é a opinião de uma graduada fonte do Ministério da Indústria e do Comércio, segundo a qual as autoridades brasileiras estavam confiantes na concretização dos dois “pacotes”, de US\$ 2,5 bilhões — a ser desembolsado de agora até o final de 1984 — e de US\$ 6,5 bilhões, particularmente depois da garantia dada aos banqueiros pelo diretor-presidente do Fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière, de que os governos ocidentais participariam do empréstimo de US\$ 2,5 bilhões. Tal garantia, porém, foi verbal e não formal. A intransigência do Tesouro inglês colocou novamente os bancos de sobreaviso e reticentes.

Desse modo, reduzem-se as esperanças das autoridades de poderem assinar no dia 20, como foi anunciado oficialmente, o contrato de financiamento com os bancos, e volta novamente à cena a hipótese de encerrar-se o ano sem que o País tenha fechado suas contas. As autoridades temem, inclusive, que a intransigência inglesa prejudique o esforço do ministro do Planejamento, Delfim Netto, e do presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, que, no momento, negociam com os árabes sua participação nos empréstimos.

A intransigência inglesa, entretanto, não colocará em risco a possibilidade do fechamento do empréstimo de US\$ 2,5 bilhões. Para evitar que isso ocorra, disse a fonte ministe-



Arquivo

Larosière garantiu que governos concederiam empréstimos

rial, o governo Figueiredo poderá recorrer à ajuda do governo Reagan que do total desse empréstimo participará com US\$ 1,5 bilhão. O governo Figueiredo pediria que o governo norte-americano complementasse a parte que caberia ao governo inglês, caso a intransigência deste continue nessa e na próxima semana, prazo limite para fechar as contas externas, pagar os compromissos atrasados — US\$ 3 bilhões — e liberar o câmbio.

SUPPLIER'S CREDITS

Os recursos ingleses não saem, disse a fonte ministerial, porque os créditos que o Tesouro inglês tem a oferecer estão vinculados a compras de equipamentos para diversos empreendimentos que, por sua vez, estão em ritmo de desaceleração devido ao aprofundamento da recessão. O governo não compra, o crédito vinculado não sai. E essas compras seriam destinadas a programas contratados a empreiteiros pelas empresas estatais.

Os créditos ingleses foram contratados a partir de 1981 com o objetivo de fechar os déficits de balanço de pagamentos. Como estava cada vez mais difícil obter crédito a partir do final de 1980, os que eram obtidos,

tanto na Inglaterra quanto na França pelas missões comandadas pelo ministro Delfim Netto e seu assessor internacional, José Botafogo Gonçalves, eram obrigatoriamente vinculados à importação de equipamentos (*supplier's credits*).

Tal prática, a propósito, foi unanimemente condenada pelos empresários dos setores atingidos pelas importações de equipamentos que podiam, segundo eles, ser fabricados no País. O então senador Franco Montoro (PMDB) chegou a denunciar da tribuna do Senado os *supplier's credits*, ressaltando ironicamente que os negócios acertados por Delfim Netto e seu assessor combateriam brilhantemente a recessão inglesa.

Os contratos foram fechados entre Delfim Netto e o ministro do Comércio britânico, John Biffen, e representaram US\$ 700 milhões. Destinavam-se a encomendas de navios *roll-on-roll-off*, *containers*, equipamentos eletrônicos para a Marinha adaptar em navios e corvetas, tecnologia de conversão para o carvão de usina tocada a óleo combustível, como a de Jacuí, equipamentos para trens suburbanos para Recife e para extração de petróleo pela Petrobrás, tudo contratado à indústria britânica.